



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0193/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA RIADE, 19/07/2025

Vice-ministro do Reino da Arábia Saudita reúne com funcionário do Ministério das Relações Exteriores italiano



Riccardo Guariglia (à direita) recebe Waleed Elkhereiji, em Roma.

O vice-ministro saudita das Relações Exteriores, Waleed Elkhereiji, reuniu-se com o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores e Cooperação Internacional da Itália, Riccardo Guariglia, na sede do ministério em Roma na passada quinta-feira. Durante a reunião, eles discutiram maneiras de melhorar a cooperação conjunta entre o Reino da Arábia Saudita e a Itália e revisaram os recentes desenvolvimentos regionais e internacionais. **Fonte-Arab News.**

Comissão de Direitos Humanos e Fundação Rei Khalid assinam acordo de cooperação

A Comissão de Direitos Humanos do Reino da Arábia Saudita e a Fundação King Khalid firmaram uma parceria estratégica por meio de um acordo de cooperação assinado em Riade na passada quinta-feira, marcando um passo significativo para o avanço da proteção dos direitos humanos no Reino. O acordo foi assinado por Hala Al-Tuwaijri, Presidente da Comissão Saudita de Direitos Humanos, e pela Princesa Nouf bint Mohammed bin Abdullah, CEO da Fundação Rei Khalid, informou a Agência de Imprensa Saudita. A parceria foi projectada para fortalecer a coordenação entre as

duas organizações, aproveitando ao máximo sua experiência combinada para promover iniciativas de direitos humanos em todo o Reino da Arábia Saudita.

Sob os termos do acordo, as organizações colaborarão em projectos conjuntos de pesquisa com foco em questões de direitos humanos, lançarão campanhas de conscientização pública para promover uma cultura de compreensão dos direitos humanos e desenvolverão iniciativas baseadas na comunidade que se alinhem com sua missão compartilhada.

A parceria também visa destacar o crescente compromisso do Reino da Arábia Saudita com os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável nos cenários doméstico e internacional. A parceria ocorre no momento em que o Reino da Arábia Saudita continua a priorizar o avanço dos direitos humanos por meio de reformas legislativas, programas de educação pública e maior envolvimento da comunidade.

O Reino tem trabalhado activamente para elevar o perfil de suas organizações da sociedade civil e suas contribuições para o progresso dos direitos humanos por meio de iniciativas comunitárias conjuntas e projectos colaborativos. **Fonte-Arab News.**

Índia busca cooperação mais estreita em produtos farmacêuticos e cerâmicos com o Reino da Arábia Saudita



A fotografia divulgada em 17 de julho de 2025 mostra o ministro do Comércio indiano, Piyush Goyal (à esquerda), e o ministro de Investimentos do Reino da Arábia Saudita, Khalid Al-Falih, participando de uma reunião virtual.

A Índia está buscando expandir a cooperação com o Reino da Arábia Saudita nos sectores farmacêutico e cerâmico, após reuniões virtuais no início desta semana entre o ministro do Comércio indiano, Piyush Goyal, e seus colegas sauditas.

Goyal manteve discussões separadas com o ministro da Economia e Planejamento do Reino da Arábia Saudita, Faisal bin Fadel Al-Ibrahim, e o ministro do Investimento, Khalid Al-Falih, para explorar maneiras de aprofundar os laços comerciais e de investimento.

Sua reunião com Al-Ibrahim se concentrou "em melhorar nossa parceria comercial e de investimento e colaborar em sectores-chave" como produtos farmacêuticos, petróleo e cerâmica, enquanto sua conversa com Al-Falih se concentrou no crescimento mútuo, inovação e colaboração de longo prazo, escreveu Goyal no X. "Estamos confiantes em perspectivas de crescimento empolgantes para ambas as nações", acrescentou. Em 2023–24, o comércio bilateral entre a Índia e o Reino da Arábia Saudita atingiu quase US\$ 43 bilhões, tornando a Índia o segundo maior parceiro comercial do Reino. O Reino da Arábia Saudita, por sua vez, é o quinto maior parceiro comercial da Índia. O comércio de energia representa uma parcela importante, com o Reino da Arábia Saudita sendo a terceira maior fonte de importações de petróleo bruto, petróleo e GLP da Índia, avaliadas em US\$ 25,7 bilhões no último ano fiscal. O investimento acumulado da Índia no Reino da Arábia Saudita atingiu US\$ 4 bilhões em 2023, marcando um aumento de 39% em relação aos US\$ 2,39 bilhões em 2022. Os dois países têm mantido conversas regulares para aprofundar sua parceria estratégica.

Durante a visita do primeiro-ministro indiano Narendra Modi a Jeddah em abril de 2024, "ambos os lados reafirmaram o forte compromisso de promover a parceria econômica e de investimento", disse ontem o embaixador indiano no Reino da Arábia Saudita, Suhel Ajaz Khan, ao Arab News. Ele observou que os sectores farmacêutico e cerâmico da Índia, em particular, têm o potencial de contribuir significativamente para a iniciativa de transformação da Visão Saudita 2030.

NOVAS PARCERIAS,

A Índia é o terceiro maior produtor mundial de medicamentos em volume, depois dos EUA e da China, e responde por mais de 20% do fornecimento global de medicamentos genéricos. Nova Delhi está procurando aumentar as exportações para o Reino e firmar novas parcerias no espaço farmacêutico.

"Com exportações farmacêuticas anuais superiores a US\$ 30 bilhões, as empresas farmacêuticas indianas desempenham um papel vital na garantia de cuidados de saúde acessíveis e confiáveis em todo o mundo. O Reino da Arábia Saudita actualmente responde por apenas cerca de US \$ 200 milhões das exportações farmacêuticas da Índia - uma parcela relativamente pequena que ressalta um potencial inexplorado significativo ", disse o embaixador Khan.

"À medida que o Reino da Arábia Saudita persegue os objectivos da Visão Saudita 2030, que incluem a construção de capacidade de fabricação doméstica, a promoção de indústrias baseadas no conhecimento e a garantia da segurança dos cuidados de saúde, o sector farmacêutico indiano se destaca como um parceiro estratégico natural." A Índia também é o segundo maior produtor mundial de cerâmica e o maior exportador global de ladrilhos cerâmicos. O governo está procurando alavancar essa vantagem em sectores como construção e infraestrutura.

"A cerâmica indiana é amplamente reconhecida por sua qualidade, eficiência de custos e escala de fabricação, principalmente em segmentos como ladrilhos, louças sanitárias e refratários", disse Khan. "Dadas as crescentes necessidades de infraestrutura, construção e desenvolvimento industrial do Reino da Arábia Saudita sob a Visão Saudita 2030, uma cooperação mais profunda com o sector cerâmico da Índia tem um potencial significativo." **Fonte-Arab News.**

Autoridade saudita frustra contrabando de captagon



A autoridade coordenou com a Direcção Geral de Controle de Narcóticos após a apreensão e prendeu oito indivíduos que planejavam receber as mercadorias dentro do Reino da Arábia Saudita

A Autoridade Tributária e Aduaneira frustrou uma tentativa de contrabandear 310.000 comprimidos de captagon, um narcótico do tipo anfetamina. O carregamento foi encontrado escondido em um veículo que entrava no Reino pelo Porto Islâmico de Jeddah.

Hamoud Al-Harbi, porta-voz da autoridade, disse que as pílulas foram detectadas durante os procedimentos de inspecção e triagem no porto. A autoridade coordenou com a Direcção Geral de Controle de Narcóticos após a apreensão e prendeu oito indivíduos que planejavam receber as mercadorias dentro do Reino. Al-Harbi reafirmou o compromisso da autoridade com a fiscalização alfandegária rigorosa sobre as importações e exportações do Reino, a fim de proteger a sociedade das operações de contrabando. Ele acrescentou que esses esforços foram realizados em estreita cooperação e coordenação com a directoria. **Fonte-Arab News**.

Como o aumento das temperaturas pode estar ligado a casos de câncer e mortes entre mulheres Médio Oriente e Norte de África



Uma mulher passa na praia de Al Mamzar em 27 de fevereiro de 2024, em Sharjah, Emirados Árabes Unidos. Um estudo diz que a conexão entre o aumento das temperaturas e o aumento dos casos dos quatro tipos de câncer foi considerada significativa nos Emirados Árabes Unidos e em cinco outros países do Médio Oriente.

A mensagem-chave de um estudo que identificou "uma correlação significativa entre a exposição prolongada a altas temperaturas e todos os quatro tipos de câncer" é tão simples quanto urgente, disse Wafa Abu El-Kheir-Mataria, pesquisadora sênior do

Instituto de Saúde Global e Ecologia Humana da Universidade Americana no Cairo. "Nossas descobertas deixam claro que a mudança climática não é uma ameaça distante ou abstrata. Já está impactando a saúde das mulheres de maneiras tangíveis", disse o Dr. Kheir-Mataria, co-autor com o Prof. Sungsoo Chun, director associado do instituto, de um novo artigo publicado na revista *Frontiers in Public Health*. "Na região MENA, o aumento das temperaturas está significativamente correlacionado com o aumento da prevalência e mortalidade de vários tipos de câncer que afectam as mulheres." Ela acrescentou: "Esta evidência destaca a necessidade urgente de integrar os riscos climáticos nas estratégias de controle do câncer hoje, não amanhã".

O estudo analisou 17 países da região MENA e examinou como o aumento das temperaturas médias coincidiu com a frequência com que as mulheres contraíam certos tipos de câncer e morriam por causa deles. A conexão entre o aumento das temperaturas e o aumento dos casos dos quatro tipos de câncer foi considerada significativa em apenas seis países - Qatar, Bahrein, Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Síria e Jordânia. A descoberta de que os quatro países ricos do Golfo se destacaram significativamente foi uma "observação muito importante", disse o Dr. Kheir-Mataria, e que merece uma investigação mais aprofundada e urgente. **Fonte-Arab News.**

Deputados do Reino Unido exigem que o governo responda à decisão da Corte Internacional de Justiça sobre Israel



Fumaça sobe durante um ataque israelense ao território palestino sitiado em 17 de julho de 2025.

Um grupo de 112 parlamentares escreveu ao primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, pedindo que o governo publique sua resposta à decisão consultiva da Corte Internacional de Justiça sobre a ocupação de Israel a partir de 19 de julho de 2024. A carta, também endereçada ao secretário de Relações Exteriores, David Lammy, e ao procurador-geral Lord Hermer, exigia que o governo emitisse sua resposta à decisão imediatamente e "abordasse a situação ilegal que ocorre nos TPO (Territórios Palestinos Ocupados), bem como suas próprias obrigações sob o direito internacional". Chamando o julgamento da CIJ de "inovador", a carta disse que "determinou claramente" que a "presença de Israel no TPO, incluindo Gaza, é ilegal e suas políticas e práticas são incompatíveis com o direito internacional". Acrescentou que o parecer declarava que "todos os assentamentos israelenses são ilegais e devem ser retirados imediatamente", que "Israel deve reparação total por todos os danos de seus actos ilegais desde 1967" e que "outros estados são obrigados a não fornecer qualquer tipo de ajuda ou assistência que mantenha a presença ilegal de Israel no TPO, referindo-se a Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental". Os signatários incluem o ex-líder trabalhista Jeremy Corbyn, o ex-chanceler sombra John McDonnell, o neto de Sir Winston Churchill, Lord Soames, e três bispos da Igreja da Inglaterra.

Eles lembraram ao governo que o Ministério das Relações Exteriores declarou após a divulgação da decisão que consideraria o assunto "cuidadosamente antes de responder" e que: "O Reino Unido respeita a independência da CIJ ... O Reino Unido se opõe fortemente à expansão de assentamentos ilegais e ao aumento da violência dos colonos. A carta continuou dizendo que a decisão da CIJ estabeleceu a "ilegalidade" das acções de Israel como facto, e que o Reino Unido tem o "dever legal de garantir que o governo e as entidades britânicas tomem todas as medidas necessárias para garantir que não sejamos cúmplices dessa situação ilegal. "Isso é particularmente pertinente, dada a gravidade da situação, as contínuas e crescentes violações israelenses do direito internacional, bem como o aumento dos assentamentos ilegais." Acrescentou: "Entre novembro de 2023 e outubro de 2024, Israel estabeleceu 57 novos assentamentos e postos avançados. No entanto, o Reino Unido precisa não apenas denunciar o aumento dos assentamentos, mas a mera existência deles, no que diz respeito à opinião consultiva da CIJ. "O fracasso do governo em publicar sua resposta sobre a opinião consultiva e abordar a situação ilegal que ocorre no TPO, bem como suas próprias obrigações sob o direito internacional para evitar cumplicidade, precisa ser corrigido." **Fonte-Reuters.**

Braço armado do Hamas diz que Israel está bloqueando negociações de cessar-fogo e libertação de reféns



Abu Obaida, porta-voz das Brigadas Ezzedine al-Qassam, acusou ontem Israel de bloquear um acordo nas negociações para um cessar-fogo temporário e a libertação de reféns em Gaza.

O braço armado do grupo militante palestino Hamas acusou ontem Israel de bloquear um acordo nas negociações para um cessar-fogo temporário e a libertação de reféns em Gaza. Abu Obaida, porta-voz das Brigadas Ezzedine Al-Qassam, disse em um comunicado em vídeo que o Hamas "sempre propôs um acordo abrangente que devolverá todos os reféns de uma só vez". Mas ele disse que Israel "rejeitou o que propusemos", instando-o a reconsiderar. "Se o inimigo permanecer obstinado nesta ronda de negociações, não podemos garantir um retorno às propostas de acordo parcial - incluindo a oferta de troca de 10 prisioneiros (reféns)", acrescentou. **Fonte-Reuters.**

Confrontos na Cisjordânia marcham contra posto avançado de colonos

Palestinos e o Exército israelense entraram ontem em confronto durante uma marcha em um vilarejo no norte da Cisjordânia ocupada contra um posto avançado de assentamento israelense recém-criado. "Viemos a esta área para expressar nosso

protesto e dizer: 'esta terra é nossa, não sua'", disse Ghassan Bazour, chefe do conselho da aldeia de Raba, à AFP. Embora todos os assentamentos israelenses na Cisjordânia sejam ilegais sob o direito internacional, apenas postos avançados como o estabelecido durante a noite em Raba também são proibidos pela lei israelense.

Um jornalista da AFP no local relatou que um grupo de homens segurando bandeiras palestinas e as do partido Fatah, do presidente palestino Mahmud Abbas, caminhou de Raba em direcção a uma colina próxima no topo da qual os colonos estabeleceram o posto avançado. Depois de realizar ontem a oração muçulmana na base da colina, as pessoas continuaram em direcção ao posto avançado, até que soldados israelenses chegaram ao local e dispersaram a multidão com gás lacrimogêneo, disse o jornalista. **Fonte-Arab News.**

Merz diz a Netanyahu que espera um cessar-fogo "rápido" em Gaza



O chanceler alemão Friedrich Merz conversou ontem com Netanyahu.

O chanceler alemão, Friedrich Merz, disse ontem ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, em um telefonema que espera um "cessar-fogo rápido" em Gaza devastada pela guerra, disse Berlim. Merz também "enfatizou que a ajuda humanitária urgentemente necessária deve agora chegar às pessoas na Faixa de Gaza de maneira segura e humana" e que o "desarmamento do Hamas é imperativo", disse seu gabinete em um comunicado.

"O chanceler expressou sua esperança de um cessar-fogo rápido na Faixa de Gaza. Todos os reféns restantes do Hamas, incluindo aqueles com cidadania alemã, devem ser libertados imediatamente." O comunicado acrescentou que Merz "defendeu encontrar uma ordem viável do pós-guerra para Gaza que leve em consideração as necessidades de segurança israelenses e o direito palestino à autodeterminação".

O chanceler também "enfatizou que não deve haver passos para anexar a Cisjordânia". Falando mais cedo em uma colectiva de imprensa em Berlim, Merz rotulou os eventos em Gaza como "não mais aceitáveis". Ele também enfatizou o compromisso da Alemanha com a segurança de Israel, dizendo: "Estamos fazendo tudo o que podemos para fazer justiça a ambos os lados, está claro onde estamos. "Mas também vemos o sofrimento da população palestina e estamos tentando fazer todo o possível para fornecer ajuda humanitária aqui também." **Fonte-Reuters.**

Quatro activistas pró-palestinos enfrentam julgamento em 2027 por invasão de base militar no Reino Unido

Quatro activistas pró-palestinos serão julgados em 2027 acusados de invadir uma base aérea militar britânica e danificar dois aviões em protesto contra o apoio da Grã-Bretanha a Israel. Os quatro são acusados de invadir uma base da Força Aérea Real em Oxfordshire, no centro da Inglaterra, em 20 de junho, e borifar tinta vermelha sobre duas aeronaves Voyager usadas para reabastecimento e transporte. O grupo de campanha Acção Palestina disse que estava por trás do incidente.

Lewie Chiaramello, 22 anos, Jony Cink, 24 anos, Amy Gardiner-Gibson, 29 anos, e Daniel Jeronymides-Norie, 36 anos, compareceram ontem a uma audiência no tribunal de Old Bailey, em Londres, antes de um julgamento que deve começar em janeiro de 2027. Eles são acusados de conspiração por entrarem em um local proibido para um propósito prejudicial aos interesses ou segurança do Reino Unido e conspiração para cometer danos criminais. Nenhum dos réus foi convidado a entrar com um apelo na breve audiência de ontem. A polícia disse anteriormente que a ação causou danos no valor de £ 7 milhões (US \$ 9,4 milhões) a duas aeronaves na RAF Brize Norton. **Fonte-Reuters.**

A nova exportação imbatível da China é um processo, não um produto



JEFFREY WU

18 de julho de 2025



O produto de exportação mais importante da China não é um produto, mas um processo que redefinirá a natureza da concorrência global.

Os chineses "não podem exportar seu caminho de volta à prosperidade", argumenta o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, que afirma que a economia da China é a "mais desequilibrada da história". Tais comentários reflectem o crescente temor em Washington de que o excesso de capacidade, os subsídios e o dumping da China estejam distorcendo o comércio global.

A preocupação mais urgente, no entanto, não é o que a China exporta, mas como. As estruturas de custos globais estão de facto sendo reformuladas, mas por uma força mais silenciosa e complexa: melhorias implacáveis de produtividade. A China não está apenas movimentando mais mercadorias, está exportando um novo modelo de produção alimentado por automação, inteligência artificial e optimização industrial guiada pelo Estado. Essa mudança é perturbadora, deflacionária e ainda amplamente incomprensida.

A ascensão da China como fábrica mundial no final do século 20 foi impulsionada pelo trabalho e pela escala. Mas agora, a China pretende alcançar uma nova forma de domínio por meio de infraestrutura inteligente. Não mais confinada a aplicativos ou chatbots, a IA foi incorporada em toda a economia física, orientando tudo, desde braços robóticos e frotas de armazéns até linhas de produção autônomas. Por exemplo, a fábrica de "luzes apagadas" da Xiaomi em Pequim pode montar 10 milhões de smartphones anualmente com o mínimo de intervenção humana. A IA conduz uma sinfonia de sensores, máquinas e análises que formam um ciclo industrial bem entrelaçado, gerando eficiências que os fabricantes tradicionais podem abordar apenas de forma incremental.

Esse ecossistema impulsionado pela tecnologia também não está confinado a uma única fábrica. O modelo de linguagem grande de código aberto de 671 bilhões de parâmetros da DeepSeek já está sendo implantado não apenas para codificação, mas também para optimizar a logística e a fabricação. JD.com está reformulando suas redes de suprimentos por meio da automação. A Unitree está exportando robôs de armazém bípedes. E a Foxconn (principal parceira de fabricação da Apple) está desenvolvendo microfábricas modulares lideradas por IA para reduzir sua dependência de linhas de produção estáticas.

Esses exemplos podem não representar "inovação de prestígio", mas atestam uma ampla cultura de optimização industrial. Sob a bandeira de "novas forças produtivas de qualidade", o governo chinês está lançando zonas-piloto de IA e subsidiando reformas de fábricas. Cidades como Hefei e Chengdu também estão oferecendo subsídios locais que rivalizam com a escala de iniciativas nacionais em outros lugares.

A estratégia ecoa a adoptada pela indústria japonesa na década de 1980, quando a automação, a produção enxuta e a consolidação industrial ajudaram as empresas a superar os rivais globais. Mas a abordagem chinesa vai além, combinando IA com economias de escala, ciclos de feedback e uma dinâmica cultural única conhecida como "neijuan" (involução): uma corrida que se autoperpetua para optimizar e superar, muitas vezes às custas das margens de lucro. A BYD, uma das montadoras mais verticalmente integradas do mundo, recentemente cortou os preços de dezenas de modelos, provocando uma liquidação de acções de US\$ 20 bilhões.

Em sectores como comércio electrónico e veículos eléctricos, essa prática gerou uma compressão de custos tão implacável que o estado ocasionalmente achou por bem intervir. Em abril, o jornal Diário do Povo alertou que a involução extrema estava distorcendo a estabilidade do mercado, citando uma guerra de preços destrutiva na entrega de alimentos entre JD.com, Meituan e Ele.me. E o problema é ainda mais agudo na indústria de veículos eléctricos. Enquanto mais de 100 marcas chinesas de veículos eléctricos competem actualmente, mais de 400 fecharam as portas desde 2018.

A arena da competitividade global é implacável. Aqueles que sobrevivem emergem mais enxutos, mais adaptáveis e melhor posicionados do que seus colegas legados. É assim que os fabricantes chineses de veículos eléctricos bem-sucedidos conseguiram entrar na Europa, oferecendo modelos a preços que as empresas locais lutam para igualar. Visto de longe, o processo parece caótico. Na prática, porém, assemelha-se à selecção natural. A China está deliberadamente promovendo a evolução industrial: o estado promove um amplo campo de concorrentes e depois deixa o mercado peneirar o campo.

Essa abordagem está se espalhando por todos os sectores. Em painéis solares, os fabricantes chineses agora respondem por mais de 80% da capacidade de produção global, reduzindo os preços em mais de 70% na última década. E uma tendência semelhante está surgindo em baterias de veículos eléctricos, onde as empresas chinesas dominam a curva de custo por quilowatt. Mas não se engane: essa deflação não decorre de excesso de oferta ou dumping. Ele reflecte estruturas de custos redesenhas, que são o resultado de IA, competição intensa e iteração implacável.

Assim, a indústria chinesa tornou a eficiência um activo negociável - que está remodelando a dinâmica global de preços. Quando essa mudança realmente se consolidar, as empresas em todo o mundo se verão ajustando suas próprias estratégias de preços, implantação de mão de obra e configurações da cadeia de suprimentos.

Mas esse desenvolvimento apresenta novos desafios para muitas economias. Considere o papel dos bancos centrais, cuja missão é garantir a estabilidade de preços. O que eles podem fazer se a inflação for moderada não pela demanda fraca, mas pela eficiência superior do lado da oferta vinda do exterior? Muito provavelmente, a política monetária perderá força em tal cenário. A marcha dos avanços do software não diminuirá apenas porque as taxas de juros sobem ou descem. Em vez disso, a política industrial terá que vir à tona - não como protecionismo, mas como uma necessidade adaptativa. A divisão central não será mais entre capitalismo e planejamento estatal, mas entre sistemas estáticos e dinâmicos.

A Lei de Redução da Inflação dos EUA e a Lei CHIPS and Science, bem como o Plano Industrial do Pacto Verde da UE, representaram os primeiros esforços ocidentais para desafiar a liderança da China; Mas esses pacotes eram amplamente reactivos, isolados ou focados em nós upstream, como chips. Enquanto os EUA e seus aliados implantam tarifas, subsídios e controles de exportação, a verdadeira competição é sobre a integração da IA na economia real: não quem constrói o chatbot mais inteligente, mas quem constrói a fábrica mais inteligente e cujo modelo pode ser replicado de forma sustentável em escala.

Claro, o modelo chinês tem compensações. As condições de trabalho podem piorar com o implacável corte de custos; o excesso de oferta continua sendo um risco sistêmico; O excesso de regulamentação pode inviabilizar o progresso; e nem todos os ganhos de eficiência se traduzem em prosperidade compartilhada. Os consumidores podem se beneficiar, mas os trabalhadores e as empresas menores arcarão com o peso do ajuste.

Mas mesmo que o modelo chinês não seja universalmente replicável, ele levanta questões importantes para os formuladores de políticas em todos os lugares. Como os

outros competirão com sistemas que produzem mais, mais rápido e mais barato - não por meio de supressão salarial, mas engenhosidade?

Descartar a abordagem da China como meramente distorcida perde o foco. O governo chinês não está apenas jogando o velho jogo comercial com mais força, está mudando as regras. E está fazendo isso não por meio de tarifas, mas por meio de uma transformação industrial. Se a última onda de globalização perseguiu mão de obra mais barata, a próxima perseguirá sistemas mais inteligentes. A inteligência não viverá mais apenas na nuvem, mas em máquinas, armazéns e linhas de montagem 24 horas por dia, 7 dias por semana.

A exportação mais importante da China hoje não é um produto, mas um processo. E redefinirá a natureza da competição global.

Jeffrey Wu é director da MindWorks Capital. Direitos Autorais: Project Syndicate.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**. **Fonte-Arab News**.